

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO (TIC): o avançar é uma imperiosidade

Luiz Carlos dos Santos

É elementar para um cidadão, com capacidade intelectual razoável, que um País, para avançar numa perspectiva de desenvolvimento sócio-econômico, exige estratégia específica nos três segmentos (governo, iniciativa privada e terceiro setor) e, sobretudo, decisão política dos governantes.

Segundo Takahashi apud Pinto e Vieira (2007), o Brasil está ficando para trás e, para reverter essa tendência, precisa de foco e persistência. Entende-se, do exposto, que isso implica em esforços conjugados - mobilização do governo, indústria e sociedade. Ainda de acordo com o referido pesquisador, há sinais alentadores - o Brasil tem o maior conhecimento e tradição em algumas áreas, a exemplo da tecnologia bancária, eleitoral, dentre outras. Paradoxalmente, não consegue transformar esse potencial em produtos globais.

Corroborando a afirmativa supra, verifica-se na Revista Indústria Brasileira (2007), a partir de pesquisa do banco Golman Sachs, que o Brasil, em relação ao restante do mundo, na área da TIC, está atrás de países do grupo emergente (Rússia, Índia, China). Ressalte-se, no entanto, que a Índia avançou concernentemente aos *softwares* e *outsourcing* (fornecimento de serviços a empresas que optam por terceirização); por seu turno, a China também decolou na direção de modelos que privilegiam a produção de hardware.

Reafirma-se, então, a necessidade de articulação do setor público com a indústria, além de decisões sobre como deve ser a oferta de bens e serviços. A propósito, cita-se o exemplo do programa Computador para Todos. Foi complicado no seu lançamento - havia descrença da população. Já de 2005 para cá, todo mundo passou a falar em adquirir um aparelho computador num patamar de R\$ 1.000,00. Isso foi resultado da isenção de impostos e outros mecanismos de financiamento, conseguindo que a produção aumentasse junto com o incremento da demanda.

Entende-se, nessa linha, que é possível pensar em outras iniciativas direcionadas às pequenas e médias empresas, criando, assim, um círculo virtuoso em que o governo entra com o marco regulatório e alguma renúncia fiscal e, no final, acaba ampliando as receitas de impostos porque a produção cresce.

Outro aspecto a considerar é a necessidade de o Brasil inserir-se no mundo global de TICs, algo que o país não conseguiu fazer efetivamente. A tecnologia de urnas eletrônicas

poderia ser disseminada pelo mundo afora, por exemplo. Veja-se, também o que ocorreu com a televisão que, embora se reconheça seu potencial muito útil, tenha se tornado indispensável para a educação e esteja presente em mais de 90% das residências do Brasil, isso não quer dizer que o brasileiro médio melhorou de vida.

Avançar, avançar, avançar (de forma articulada e sistêmica) deverá ser a tônica nesses próximos anos, para evitar que em 2015 ocorra um colapso, além de um problema tecnológico, uma problemática social: o cidadão brasileiro que usará essas coisas, provavelmente, ainda terá renda baixa, nível educacional sofrível e dificuldade de acesso a emprego e renda.



LUIZ CARLOS DOS SANTOS
www.lcsantos.pro.br